



O ALUNO PORTADOR DE SÍNDROME DE DOWN E SUA RELAÇÃO COM A MATEMÁTICA: ANÁLISE DE UM CASO

Sue Ellen Daiane Pinto*
Adair Mendes Nacarato
Universidade São Francisco

sue_p4@hotmail.com

Este trabalho visou analisar os processos de pensamento matemático de uma jovem com Síndrome de Down (SD), estudante de uma sala de Educação de Jovens e Adultos, numa escola pública municipal, em Itatiba/SP. A pesquisa teve como questão central “Uma aluna SD consegue desenvolver algum processo de pensamento matemático que não seja apenas procedimental, possuindo uma linguagem matemática, sendo capaz de elaborar estratégias de resolução de problemas?”. A produção dos dados foi realizada através de entrevista individual (que foi transcrita) com a aluna; observações na sala de aula (diário de campo da pesquisadora); realização de atividades envolvendo processos matemáticos, tendo como principal ferramenta o jogo no computador. A análise dos dados levantados aponta que o pensamento matemático de uma pessoa com SD é igual ao de um indivíduo considerado “normal”, e, como em uma criança em desenvolvimento, as etapas do raciocínio são as mesmas com suas dificuldades, habilidades, construção de estratégias, etc. A memória curta e a lentidão do pensar também foram resultados obtidos, levando à tona a necessidade da repetição e da memorização no processo de ensino aprendizagem; portanto, os tempos de aprendizagem do SD são diferentes dos demais alunos. No campo da matemática, o pensamento numérico foi o que predominou no trabalho em sala de aula, portanto foi o privilegiado nas atividades da pesquisa. Constatou-se que, no desenvolvimento da contagem, prevalece a correspondência um-a-um, com o uso do numeral objeto, ou seja, toda ação de contagem requer, por parte da aluna, elementos de apoio (dedos ou risquinhos no papel). Destacou-se, também, a familiaridade da aluna com situações-problemas envolvendo o uso de dinheiro. A ela tem sido apresentada uma matemática reducionista – apenas procedimentos algorítmicos. Questiona-se se as práticas de sala de aula não subestimam a capacidade intelectual do SD, pois, atividades mais desafiadoras poderiam promover avanços no conhecimento matemático dessa aluna.

Palavras-chave: Síndrome de Down; processos matemáticos; linguagem.

*Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).